

## Artigo (Investigação & Práticas)

### Localização e Tradução: origem e diferenças

### Localization and Translation: origin and differences

**Nuno Vales**

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Bragança  
a24973@alunos.ipb.pt

**Prof.º Vitor Gonçalves**

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Bragança  
vg@ipb.pt

#### Resumo

Neste trabalho pretendemos dar a conhecer os conceitos de tradução e localização. Começaremos por fornecer uma breve perspectiva diacrónica de ambos, uma vez que a história da tradução é muito vasta, recorrendo para tal a factos e documentos históricos. Além disso, abordaremos o modelo GILT (Globalização, Internacionalização, Localização e Tradução), em que a localização se encontra inserida, explanando cada um dos conceitos que o compõem. Posteriormente, focar-nos-emos nas diferenças de tradução e localização, da forma como se interligam, em que consistem as respetivas atividades e as ferramentas de apoio aos tradutores e localizadores para realizarem as suas tarefas mais rapidamente.

**Palavras-chave:** *tradução; localização; globalização; internacionalização; GILT*

#### Abstract

Throughout this paper the concepts of translation and localization will be distinguished and related. At first a brief diachronic approach of both concepts will be focused on, since the history of translation covers a long time span, resorting to facts and documentation. Apart from that I will focus on the GILT model (Globalization, Internationalisation, Localisation and Translation), which comprises localization and I will explain each of the concepts. Finally I will approach the main differences between translation and localization, two concepts bridged by translation as a process, explain what both activities include and present the deliver information about the main translation tools for translators and localizers.

**Keywords:** *translation; localization; globalization; internationalization; GILT*

## INTRODUÇÃO

Podemos afirmar que a tradução é um conceito que existe desde que existe a comunicação, mas como é natural, foi evoluindo com o passar dos tempos, fortificando as relações com as áreas que lhe foram sendo associadas, tais como a legendagem e a interpretação, entre outras. O século XX constituiu, indubitavelmente, um ponto de viragem na disciplina dos Estudos de Tradução, passando a ser reconhecida como área académica e incluída nos estudos universitários.

O desenvolvimento das diversas tecnologias potenciou diferentes áreas do conhecimento e o mesmo sucedeu com a tradução que, devido ao fenómeno da globalização, das necessidades imediatas da sociedade de informação e da mobilidade da informação, passou a integrar novos fenómenos do conhecimento, a que foram atribuídas novas designações. A existência da internet e do *software* de apoio à tradução contribuíram para o desenvolvimento da tradução e do conceito de localização, que ajusta a língua e a cultura de um povo de forma muito específica.

Assim, este artigo encontra-se estruturado em três partes: uma breve perspetiva histórica da tradução e da localização, o significado do acrónimo e modelo GILT e, por último, são evidenciadas as principais diferenças e relações entre tradução e localização.

## PERSPETIVA HISTÓRICA DA TRADUÇÃO E LOCALIZAÇÃO

Como não poderia deixar de ser, ao falar sobre a tradução e a localização teremos que realizar uma perspetiva histórica, embora de uma forma sucinta.

Inicialmente, e de acordo com Eric Jacobsen (1958, p. 43), a tradução foi uma invenção dos Romanos: *the Greco-Roman world, translation is – inevitably, one might say – primarily an invention of Romans*. Nesta altura, segundo Susan Bassnett (2002, p. 51), os romanos foram acusados pelos gregos de terem falta de imaginação e de criatividade. Tal acusação surgiu do facto de os romanos terem traduzido as mais relevantes obras do grego como forma de enriquecer o latim.

Podemos afirmar que os Romanos iniciaram esta prática da tradução e desenvolveram-na como um enriquecimento à literatura e à sua própria língua. Como realça Susan Bassnett (2002, pp. 51, 52), *Roman translation may therefore be perceived as unique in that it arises from a vision of literary production that follows an established canon of excellence across linguistic boundaries*.

Com a difusão do cristianismo, a tradução assumiu outro papel, o de espalhar a palavra de Deus. Nesse sentido, há algo em comum entre estas duas épocas. Já no tempo dos romanos se debatia a tradução livre da tradução literal. Isso mesmo é explicado por São Jerónimo:

Pela minha parte, realmente, não apenas confesso, mas proclamo a plenos pulmões que quando traduzo os textos gregos – que não sejam Sagradas Escrituras (onde até a estrutura da frase é mistério) – não é palavra a palavra, mas o sentido que eu exprimo. (Jerónimo, 1995, p. 61)

Foram realizadas várias traduções do Novo Testamento e, posteriormente, apareceu uma versão da Bíblia, que ficou bastante famosa, realizada por São Jerónimo, de hebreu para latim, a mando do Papa Dâmaso, denominada *Vulgata*. A tradução continuou, assim, a ser realizada principalmente no âmbito da religião. De seguida, surgiu a primeira tradução da Bíblia para inglês,

entre 1380 e 1384, denominada de Bíblia de John Wycliffe, que se tornou parte do desenvolvimento da reforma na Igreja. (Bassnett, 2002, pp. 53, 54). De acordo com a Enciclopédia Britânica, *the Bible became a necessity in his theories to replace the discredited authority of the church and to make the law of God available to every man who could read.*

A segunda Bíblia de Wycliffe, escrita entre 1395 e 1396, contém um prólogo relevante para a tradução que descreve quatro fases do processo de tradução que Susan Bassnett explicita:

- (1) a collaborative effort of collecting old Bibles and glosses and establishing an authentic Latin source text;
- (2) a comparison of the versions;
- (3) counselling 'with old grammarians and old divines' about hard words and complex meanings; and
- (4) translating as clearly as possible the 'sentence' (i.e. meaning), with the translation corrected by a group of collaborators. (Bassnett, 2002, p. 54)

Na sequência da reforma, surgiram várias traduções da Bíblia para várias línguas, evidenciando o papel relevante que a tradução ia conquistando no seio da população ao longo do tempo.

No que diz respeito a outras abordagens na História da Tradução, considera-se ainda o Rei Alfredo, o Grande, um ícone da tradução e na história de Inglaterra. Após a Inglaterra ter sido invadida pelos Vikings e grande parte da literatura, contida nos mosteiros, destruída, no séc. IX d.C., aquele monarca foi responsável pela tradução de muitos textos de Latim para Inglês como forma de recuperar as perdas da devastação.

Após a Idade Média, e com o surgimento do Renascimento, a mentalidade do povo foi-se alterando, começando-se a realizar traduções noutros campos que não o religioso e o clássico. Surge o conceito de adaptação ao invés da tradução, visto que poemas e outros textos começaram a sofrer adições, omissões e alterações, as quais podem ser vistas nas traduções que Wyatt fez de Petrarca, como realça Susan Bassnett (2002).

No séc. XVII olhava-se para a tradução como um meio de instrução e, assim sendo, optou-se por traduzir os grandes clássicos na França entre 1625 e 1660, o que levou ao florescimento do teatro Francês baseado nas poéticas de Aristóteles. Já em Inglaterra, a tradução ia além disso, alcançando o conceito de arte, de acordo com a teórica Susan Bassnett (2002).

Durante os séculos seguintes, a tradução foi ganhando importância, sendo muito debatida pelos estudiosos. Foi-se desenvolvendo e aperfeiçoando, recorrendo sempre aos textos clássicos considerados cânones. No ocidente, o séc. XVIII foi marcado pelas traduções e reestruturações dos textos de Shakespeare. Nesta época nasceu também o conceito de originalidade e elegância na tradução.

O século XX constituiu um ponto de viragem em toda a comunicação mundial. As guerras, os julgamentos de Nuremberga, a criação de uma série de organizações de cariz internacional, como

a Sociedade das Nações, as Nações Unidas, a Comunidade Económica Europeia, o Mercosul e muitas outras, criaram uma necessidade tradutológica muito elevada. Isto originou a criação de associações profissionais, onde se debate e defende o estatuto do tradutor, e o debate teórico entre estudiosos na tentativa de criar uma disciplina académica nos anos 1970. Esta ideia persiste até hoje. A tradução surge como que um tronco comum para uma série de subáreas dentro dos Estudos de Tradução. Tal é o caso da localização.

Sendo esta uma área bastante recente, ainda não existe muita informação disponível e a investigação é parca. Com o surgimento e desenvolvimento das tecnologias, surgiram os computadores e, conseqüentemente, os *software*. Segundo O'Donnell (1994, citado em Antunes, 2001, p. 25), *o processo de localização é um processo bastante complexo que envolve um conjunto de atividades*. Assim, e segundo a autora, o processo de localização envolvia a alteração do programa e dos seus códigos fonte, isto é, detetavam-se os elementos codificados do programa e substituíam-se pela nova versão. Naquele tempo, a localização implicava grandes custos e, por vezes, problemas difíceis de resolver, uma vez que se modificava o programa/*software* e este poderia deixar de funcionar corretamente. Entretanto, surgiu a atividade denominada de internacionalização: *com a criação de programas informáticos caracterizados por uma arquitectura mais abrangente e flexível que permitia a localização para várias línguas e culturas, sem a obrigação de alterar o código fonte do programa* (Antunes, 2001, p. 26).

Isto veio facilitar bastante o trabalho do localizador, visto que já não necessita de competências de programação de *software* para alterar o código fonte do programa. Assim, embora num curto espaço de tempo, a localização sofreu mudanças e, também, aperfeiçoamentos, daí a necessidade de recorrer a mais definições do conceito de forma a acompanhar a história. Neste momento, e segundo Kano (1995, como citado em António Antunes, 2001, p.27): *Localization: The process of adapting a program for a specific market, which includes translating the user interface, resizing dialogue boxes, customizing features (if necessary), and testing results to ensure that the program still works*.

## O MODELO GILT

A evolução tecnológica e o crescimento da distribuição de *software* à escala mundial impulsionaram o aparecimento de conceitos, tais como: globalização, internacionalização e localização, para além da reformulação do conceito de tradução. A relação entre estas atividades deu origem ao modelo conhecido pela sigla GILT. De seguida, iremos analisar cada um dos termos que o compõem, a fim de esclarecer a visão do modelo.

## Globalização

Primeiramente, como citado por Esselink, apresentamos a definição de globalização segundo a Localization Industry Standards Association (LISA):

Globalization addresses the business issues associated with taking a product global. In the globalization of high-tech products this involves integrating localization throughout a company, after proper internationalization and product design, as well as marketing, sales, and support in the world market. (Esselink, 2000, p. 4)

Ou seja, após terem sido tomadas as decisões de tornar um produto global, deve-se começar a delinear as necessidades dos utilizadores e as características para as versões dos produtos a realizar para o mercado global. Posto isto, interessa esclarecer em que consistem as atividades desta área. Esselink enumera algumas situações em que a globalização é utilizada:

Geopolitical level that deals with globalization of business as an economic evolution. Secondly, there is a globalization of an enterprise that establishes an international presence with local branch or distribution offices. Thirdly, there is a process of creating local or localized versions web sites, which we will refer to as “web site globalization”. Em contexto geopolítico, a globalização de negócios como uma evolução económica. (Esselink, 2000, p. 4)

Neste último caso, devemos dizer que, quando se torna um *website* global, ele torna-se capaz de lidar com visitantes de todas as partes do mundo. No fundo, a globalização é um processo inerente à localização. que pode ser tido como um último processo, uma vez que lida com o mercado e com o marketing do produto.

Segundo o Manual de Introdução à Localização da LISA:

Globalização é a união da perspectiva e da filosofia de fazer negócios. As empresas globalizadas são exatamente isso: globais em todos os aspectos de suas atividades. No entanto, elas somente podem ser globais se forem locais nos mercados em que atuam. Os produtos, serviços, documentação, atendimento ao consumidor, suporte técnico, marketing e outras atividades de uma empresa devem refletir as necessidades do mercado local no que diz respeito à cultura, idioma e exigências dos negócios. (LISA, 2005, p. 3)

Desta forma, e de acordo com a citação anterior, as empresas tornam os seus produtos ajustáveis à língua e cultura, adaptando-os às convenções locais. Há, cada vez mais, uma crescente necessidade de aproximar os produtos do consumidor final, visto que a maioria dos produtos são desenhados em inglês. Assim, cada vez mais estes processos são necessários para que os produtos sejam comercializados pelo mundo sem restrições de línguas e culturas.

## Internacionalização

Segundo a LISA, (citado por Esselink, 2000, pp. 2,3) a internacionalização é: (...) *the process of generalizing a product so that it can be handle multiple languages and cultural conventions without the need for re-design. Internationalization takes place at the level of program design and document development.* Ou seja, a

internacionalização constitui a tarefa de programadores informáticos, pois está presente na fase da conceção do produto e de tornar o *software* apto ao consumo do público.

Existem dois tipos de atividades inseridas na internacionalização:

- De acordo com Esselink (2000), *an important aspect of internationalization is the separation of text from the software source code*. Quer dizer, é necessário fazer-se a separação do texto traduzível, que será disponibilizado ao utilizador e será movido para *strings* de forma a ser traduzido pelos tradutores, do texto de programação que não pode, de forma alguma, ser alterado. Isto irá, assim, prevenir que os tradutores alterem o código-fonte e provoquem danos ao *software*;
- Internacionalização de documentação, de acordo com Esselink (2000), *online help, documentation, and web sites, in particular, also need to be internationalized*. De forma a aprofundar este ponto, Susana Céu refere o seguinte: *Internacionalização de documentação que poderá consistir, por exemplo, na utilização de um determinado estilo de escrita, uniformização de terminologia e adoção de regras de gramática controladas, no sentido de facilitar a tradução e evitar erros* (Céu, 2009, p.15).

A internacionalização corresponde a um processo anterior ao da localização, uma vez que vai preparar o produto para que este seja localizado. Desta forma, a internacionalização desenvolve-se na fase de conceção do produto, visto que vai preparar todo o texto e, inclusive, imagens para que estes elementos sejam, posteriormente, acessíveis ao processo de localização.

## **Localização**

A localização, segundo a LISA, como citado em Esselink (2000) envolve *taking a product and making it linguistically and culturally appropriate to the target locale (country/region and language) where it will be used and sold*. Isto é, a localização trata de tornar um produto, por exemplo um *software*, ajustável a várias línguas e várias culturas. Tal como refere Esselink, *the majority of softwares and web applications are being developed in the United States*. Desta forma, a tradução centra-se, sobretudo, na tradução/ localização de inglês para outras línguas, com o intuito de ajustá-la aos consumidores finais. No entanto, e segundo o autor, a localização envolve várias atividades:

*Project management*  
*Translation and engineering software*  
*Translation, engineering, and testing of online help or web content*  
*Translation and desktop publishing (DTP) of documentation*  
*Translation and assembling of multimedia or computer-based training componentes*  
*Functionality testing and localized software or applications.* (Esselink, 2000, p. 3)

Como podemos constatar, na localização não se trata apenas de localizar e traduzir, mas da realização de várias atividades que estão inerentes a este processo.

## **A tradução no modelo GILT**

No modelo GILT, a tradução é considerada o núcleo do trabalho de converter uma língua de partida para uma língua de chegada. Esselink definiu tradução como *the process of converting written text or spoken words to another language. It requires that the full meaning of the source material be accurately rendered into the target language, with special attention paid to cultural and nuance and style.* (Esselink, 2000, p. 4) No que concerne esta visão de Esselink, podemos destacar que um tradutor tem de ter bom conhecimento da língua de partida para poder, assim, converter para a língua de chegada, para que a informação e, principalmente, o sentido não se percam durante a realização deste processo. Assim, para além do conhecimento linguístico, um bom tradutor necessita também do conhecimento cultural, pois a cultura e a língua são inseparáveis.

## **DIFERENÇAS ENTRE TRADUÇÃO E LOCALIZAÇÃO**

Como foi possível constatar, apesar de o conceito de tradução ter nascido primeiro, é perspectivado de forma diversa por especialistas da tradução e da localização. No modelo GILT a tradução é apenas um processo, tal como explicitado por Esselink (2000, p. 4): *Translation is only one of the activities in localization, in addition to translation, a localization project includes many other tasks such as project management, software engineering, testing and desktop publishing.*

Como pudemos ter a oportunidade de ver anteriormente, a localização engloba muitas atividades e, como refere Esselink, a tradução constitui-se numa tarefa inerente à localização. Por conseguinte, a tradução é um processo de converter as palavras de uma língua para outra. Já a localização, é um processo de transformar um produto, seja ele um *software* ou um *site*, adaptando-o à cultura e à língua para onde será comercializado e vendido nessa nova localização (país ou região).

Estes conceitos, com a chegada da tecnologia e a sua evolução nos últimos anos, realizam-se através de ferramentas que constituem um apoio a estas atividades. Embora distintas, ambas as ferramentas apoiam tradutores e localizadores a realizarem as suas tarefas.

A tradução, nos dias que correm, é assistida pelas chamadas CAT Tools (*Computer-assisted translation*) ou em português as TAC (Tecnologias de Apoio à Tradução). Estas ferramentas permitem que o tradutor rentabilize o seu tempo de trabalho, apoiando-o na reutilização da informação já traduzida. Assim, este processo denomina-se Memórias de Tradução (MT), que são responsáveis por guardar todas as traduções realizadas por um tradutor e, em trabalhos futuros, sugerem-nas se estes estiverem a realizar uma tradução com conteúdos similares.

A localização também possui uma variedade de ferramentas que apoiam os localizadores a realizarem os seus trabalhos e, uma vez que a localização abrange várias atividades, também existem diversas ferramentas para ajudar em todas estas tarefas. Retomando a enumeração de Esselink (2000, p.3), por exemplo na gestão do projeto, existem várias ferramentas como o Microsoft Project que permite gerir tarefas, colaborar, submeterem folhas de horas, sinalizarem problemas e riscos, analisarem recursos, orçamentos entre outras coisas (Microsoft, 2016).

Quando se trata da tradução e paginação eletrónica existem várias ferramentas para apoiarem os localizadores, como por exemplo o Adobe InDesign, o PhotoShop, etc..., que permitem editar imagens digitais, manipulá-las e até mesmo criá-las.

Já na Tradução, engenharia e verificação da ajuda *online* ou do conteúdo *web*, o localizador dispõe de ferramentas, como por exemplo o Catscradle, que seleciona o texto que precisa de ser traduzido de uma página *web*, coloca-o num editor para ser traduzido e, automaticamente, coloca-o novamente na página, deixando todos os códigos HTML intocáveis (Catscradle, 2016).

Adicionalmente, e para além das ferramentas de apoio a estes profissionais, a tradução e a localização diferenciam-se nas fases em que estas são postas em prática. Isto é, o tradutor realiza uma tradução quando a obra a traduzir já se encontra finalizada e, por isso, apenas realiza a tarefa após o produto acabado. Já o localizador entra numa fase inicial, trabalhando em conjunto com os programadores do produto, adaptando-o às várias versões das línguas tal como refere Esselink, que escreveu o seguinte: *the translation of software strings may often start while the software product is still in beta phase.*

Para além destas diferenças, imaginemos uma situação na vida real, em que é dado ao tradutor um texto para traduzir, cabe-lhe a ele selecionar as ferramentas necessárias e começar a traduzir o conteúdo do texto na sua totalidade. Já numa situação da vida real de um localizador, quando lhe é entregue um produto para “localizar”, ele não só terá de traduzir, mas, segundo a Lionbridge:

When localizing, a translator (aka linguist or localization professional) will:  
Adapt the language by creating a linguistic equivalent, not a literal translation  
Assess color for cultural implications  
Change telephone number formats  
Change time/date/measurements to reflect that culture’s counting system  
Assess and change any icons or graphics that will not make sense in the target culture.  
(Lionbridge, 2016)

Por conseguinte, embora a localização tenha surgido através da tradução, passa por várias atividades e daí ser um termo generalizado que engloba todas elas. A tradução é, como Catford

(1965, p. 1) referiu *the replacement of textual material in one language (SL) by equivalent material in another language (TL)*.

Uma diferença que rapidamente se destacou consiste no ambiente em que ambas estão inseridas. O tradutor experiente, na maioria das vezes, seja ele *freelancer* ou tradutor interno, está inserido num determinado local em que a sua tradução não depende do trabalho de outros para o seu estar finalizado. Já o localizador, num projeto de localização, é apenas um profissional envolvido nesse projeto. Como sugere Esselink (2000, p. 16), as pessoas envolvidas num projeto normal são: o gestor de contas, o gestor de projeto, o localizador/tradutor especializado, o revisor, o engenheiro localizador, um especialista nas ferramentas de apoio à tradução e o especialista responsável pelas interfaces gráficas. Desta forma, o localizador é colocado num ambiente encarado como uma atividade industrial.

## CONCLUSÃO

Fica assim mostrado que, embora estes dois conceitos estejam interligados, como vimos anteriormente, diferem muito um do outro, mesmo no processo que os une. Verificamos, ao longo de todo este trabalho, que muitas são as diferenças que se destacam. Começando pelas várias atividades que a localização engloba, passando pelos conteúdos que cada um traduz ou adapta, pelas ferramentas que os apoiam, pelo *timing* de entrada e até mesmo o *locale* (contexto) em que estas são realizadas.

Com a realização deste trabalho é possível termos uma noção de que a tradução é uma área que ainda tem muito para oferecer e para explorar. Embora haja uma ideia preconcebida de que a tradução é uma subárea da localização, ao finalizar este trabalho, após pensar e distinguir estes conceitos, chegamos à conclusão que a tradução é um todo e quando se fala de traduzir, fala-se de transferir todo o sentido expresso na língua de partida para a língua de chegada, seja ele sob a forma de texto ou de signo linguístico.

## Referências

- Antunes, A. (2001). *Tradução e Localização: Pontos de contacto e de afastamento*. Porto: Universidade do Porto.
- Bassnett, S. (2002). *Translation Studies*. Londres: Routledge: Taylor and Francis Group.
- Catford, J. (1965). *A Linguistic Theory of Translation*. Oxford: Oxford University Press.
- Catscradle. (2016). *Catscradle overview*. Stormdance.net:  
<https://www.stormdance.net/software/catscradle/overview.htm> (acedido em 02/01/2016)
- Céu, S. (2009). *Localização de páginas Web*. Porto: Instituto Politécnico do Porto.
- Esselink, B. (2000). *A Practical Guide to Localization*. Amsterdam: John Benjamins.
- Jacobsen, E. (1958). *Translation a traditional craft: an introductional craft*. Copenhaga: Gyldendal.

- Jerónimo, S. (1995). *Carta a Pamáquio sobre os problemas de tradução*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Lionbridge. (2016). *Blog Lionbridge*. Lionbridge.com: [http://blog.lionbridge.com/travel-hospitality/files/2012/04/Lionbridge\\_FAQ\\_Loc\\_vs\\_Translation.pdf](http://blog.lionbridge.com/travel-hospitality/files/2012/04/Lionbridge_FAQ_Loc_vs_Translation.pdf) (acedido em 04/01/2016)
- LISA. (2005). *Manual de Introdução à Localização*. Romainmôtier: Geness.
- Microsoft. (2016). *Project and portfolio management software*. Products Office: <https://products.office.com/pt-pt/project/project-and-portfolio-management-software> (acedido em 01/01/2016)